



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGÜÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

GT1 Africanidades e Brasilidades em Literaturas e Linguísticas

**VOZES HÍBRIDAS E MÚLTIPLAS EM MAYOMBE DE PEPETELA:
UM ESTUDO SOBRE ANGOLANIDADE E TRIBALISMO**

Cibele Verrangia Correa da Silva¹

Adelia Miglievich-Ribeiro²

Resumo: O presente trabalho se propõe fazer uma análise do romance *Mayombe* (1980) do escritor angolano Pepetela, observando algumas questões importantes exploradas no primeiro capítulo da tese, ou seja, os movimentos da Negritude e do Pan-africanismo e o debate acerca da questão da angolanidade e as principais tensões, como o tribalismo, de um lado, e a utopia da unidade nacional, por outro, observando através do discurso das personagens como essas tensões e inquietações são construídas.

Palavras-chave: Mayombe, angolanidade, tribalismo.

¹ Doutoranda em Letras – Universidade Federal do Espírito Santo – Bolsa: FAPES. E-mail: cverrangia@yahoo.com.br

² Professora PPGL – UFES; PQ – Produtividade CNPq; Taxa de Pesquisa Fapes. E-mail: miglievich@gmail.com



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILDIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

Apresentação

Esta comunicação faz parte de uma discussão maior realizada no primeiro capítulo da tese de Doutorado intitulada *O engajamento e a melancolia na formação da identidade angolana: um estudo comparado entre as obras Mayombe e A geração da utopia de Pepetela*³, que metamorfoseamos em *paper* na medida em que a discussão incorpora acréscimos do acúmulo crítico pós-colonial⁴. Pretendemos a análise dos diferentes elementos que compõem a formação da identidade angolana, abordando conceitos que obrigam o diálogo entre categorias tipicamente modernas e as desconstruções pós-modernas⁵, sobremaneira, aquelas sob a rubrica do pós-colonial.

Para esta oportunidade propomos realizar uma análise da obra *Mayombe* (1980) de Pepetela, observando algumas questões sobre a ideia de angolanidade em suas variadas vertentes, bem com do tribalismo e as principais tensões extraídas das inquietações das personagens, os guerrilheiros. De um lado, temos o tribalismo na atenção, sobretudo, à construção das personagens e, de outro, a utopia da unidade nacional, coexistindo ainda com a crença marxista no “sujeito universal”.

O conceito de angolanidade é forjado na cultura nacional de Angola, e é observado nas expressões socioculturais e filosóficas, atravessando as artes e os

³ A tese é da primeira autora, Cibele Verrangia Correa da Silva, orientada por Profa. Dra. Adelia Miglievich-Ribeiro, no PPGL-Ufes, compondo ambas o Núcleo de Estudos em Transculturização, Identidades e Reconhecimento (Netir-Ufes), cadastrado no DGP-CNPq.

⁴ Ver dentre outros ALMEIDA, Julia; MIGLIEVICH-RIBEIRO, Adelia M.; GOMES, Heloísa T.. (Org.). *Crítica pós-colonial. Panorama de leituras contemporâneas*. Rio de Janeiro: Faperj/Paz & Terra, 2013.

⁵ MIGLIEVICH-RIBEIRO (2014) cita Perrone-Moisés (2004) que sistematiza as características da “desconstrução”, aqui usada como sinônimo de “deconstrução” (sem o “s” do “des”): atomização dos objetos e dos pontos de vista em antagonismo ao projeto totalizador do estruturalismo, eis que se fala em pós-estruturalismo; rejeição da razão como universal ou fundacional; descentramento do sujeito; interesse pelas diferenças, margens, trânsitos, silenciamentos; atenção à história e à cultura percebidas como discursos; dissolução das fronteiras disciplinares; desconfiança nas “asserções de verdade”.



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGÜÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

modos de subjetivação da população em território angolano. Parte, como todo ideal moderno de nação, do postulado humanista de formação de uma identidade comum baseada em valores fraternais e solidários que possa sintetizar as especificidades. No contexto decolonial, em África, a nação, em oposição à colônia, não prescinde do “resgate” dos elementos das suas tradições, o que provoca o debate acerca da memória seletiva⁶ em seus impactos políticos, sociais, econômicos e culturais na vigência da modernidade.

A angolanidade exige a problematização na noção mesma de identidade uma vez que se relaciona àquelas nações atravessadas por uma “modernidade tardia” e que são caracterizadas pela diferença⁷, por antagonismos que produzem variadas “posições de sujeito” (HALL, 2011, p. 18), ou seja, pela pluralidade de identidades. A ideia de unificação relacionada ao projeto da angolanidade, enfrenta a perspectiva das diferentes posturas, pensamentos, anseios e elementos múltiplos da hibridez moderna e das identidades locais, que já não sobrevivem num estado “puro”.

Observar a formação da identidade da nação nesse contexto da modernidade/pós-modernidade é pensar no inacabamento de tal projeto, assim como nos deslocamentos de posturas, podendo-se identificar características positivas em tal condição. Essas identidades múltiplas desarticulam “as identidades estáveis do passado, mas também abrem a possibilidade de novas

⁶ Raymond Williams (2011), precursor dos Estudos Culturais Britânicos, ao discutir a construção do pensamento hegemônico, qualquer que seja ele, expõe a complexidade que este contém. Chama a atenção para o processo pelo qual o “ontem” ao invés de ser esquecido é transformando em “passado significativo” – a “tradição seletiva” – pelo qual as práticas e sentidos são reelaborados para dar sustentação ao projeto em curso. Não apenas em Angola, mas em África, o debate acerca da construção da nação pós-libertação envolveu de modo ímpar a valorização de (algumas) tradições ancestrais.

⁷ A ideia de “diferença”, ou melhor, “diferença” inspirando-se no conceito *différance* de Derrida que rejeita as oposições binárias forjadas na modernidade para servir à elaboração ocidental da “diferença colonial”. Hall (2009, p. 58) destaca o jogo sistemático e ininterrupto de similaridades e diferenças entre “eus” e “outros” em cada um de nós a desconstruir a cisão “modernidade” e “pré-modernidade”. As dinâmicas culturais são transpassadas por múltiplas identificações e pertencimentos tais como as de classe, gênero, região, religião, de maneira que ambivalências, tensões e hibridizações permeiam indelevelmente qualquer construção identitária. Cf. MIGLIEVICH-RIBEIRO, 2014, p. 16.



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

articulações: a criação de novas identidades, a produção de novos sujeitos [...]” (HALL, 2011, p. 18). O paradoxo está no fato de que o pós-moderno invalida o discurso único, mas a nação é uma narrativa moderna. A angolanidade ainda carrega a pretensão de traduzir o “verdadeiramente” nacional-popular

[...] As pessoas não são apenas cidadão/ãs legais de uma nação; elas participam da *ideia* da nação tal como representada em sua cultura nacional. Uma nação é uma comunidade simbólica e é isso que explica seu “poder para gerar um sentimento de identidade e lealdade” (HALL, 2011, p. 49)

Esse ideal de nação que se constrói em torno da cultura, vai fornecer uma série de dados e símbolos que unifiquem e criem um reconhecimento comum dessa subjetividade. Constrói-se uma “narrativa da nação”, baseada nos feitos históricos, na literatura produzida, na imagem arquitetada, interna e externamente, através dos meios midiáticos, assim como, os rituais e símbolos, tudo isso representando “[...] as experiências partilhadas, as perdas, os triunfos e os desastres que dão sentido à nação [...]” (HALL, 2011, p. 52).

A angolanidade vai buscar criar esse enraizamento cultural, abraçando, como já tentamos dizer, os particularismos das diferentes etnias, “resgatando/inventando” um passado tradicional, (re)construindo histórias de lutas e batalhas passadas bem como as atuais, como marcas desse nacional. As narrativas e imagens que se forjam nesse ideal identitário aprofundam a linguagem da historicidade do povo angolano.

O projeto angolanidade e o tribalismo: as personagens de Mayombe

O projeto angolanidade ambicionava a pluralidade cultural e o diálogo intercultural, sendo impossível não destacar as especificidades dos diferentes



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

grupos étnicos que compunham essa então recente nação, assim como outros contingentes populacionais que viviam em território africano, mas pertenciam também a outras identidades (europeias, por exemplo), fazendo-se essencial trazer a questão da mestiçagem para a discussão dessa identidade comum.

Patrício Batsíkama (2013), pesquisador da Universidade Fernando Pessoa no Porto, discorre sobre o conceito de angolanidade a partir de uma perspectiva antropológica, trazendo algumas abordagens que classificam esse movimento em três grandes viéses. Para ele, teria ao longo da história se desenvolvido diferentes olhares e manifestações da angolanidade, ou seja, uma chamada angolanidade apriorística; a angolanidade rizomática e/ou angolanidade e a angolanidade aposteriorística. Trataremos aqui de esboçar brevemente cada uma dessas noções apenas para entender o ponto em que tal visão é esgotada, nascendo movimentos contrários a esse ideal de coletividade identitária, o conhecido tribalismo, e como tais ângulos de visão, aparecem na narrativa pepeteliana.

A angolanidade apriorística está ligada diretamente ao MPLA (Movimento Popular para a Libertação de Angola) e à intelectualidade associada ao movimento. Foram os primeiros a usar o termo, baseando-se nos conceitos fundadores do pan-africanismo e da negritude e buscando incorporar todas as etnias em prol de um discurso coletivista.

[...] a angolanidade requer enraizamento cultural e totalizante das comunidades humanas, abraça e ultrapassa dialecticamente os particularíssimos das regiões e das etnias, em direção à nação. Ela opõe-se a todas as variantes de oportunismo (com as suas evidentes implicações políticas) que procuram estabelecer uma correspondência automática entre a dose de melanina e dita autenticidade angolana. Ela é, pelo contrário, linguagem da historicidade dum povo (ANDRADE, apud BATSÍKAMA, 2013, p. 54).

A angolanidade apriorística fundamentava-se nas vertentes histórica e sociológica para pensar a formação da identidade da nação, construindo um discurso nacionalizador dos grupos sociais que compunham o território angolano: os angolanos, os afro-angolanos, os luso-descendentes e os euro-angolanos. A



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

ideia central era construir uma nação a partir dos traços culturais marcantes de todas as “forças angolanas”.

O problema dessa ideologia é que ela prioriza certos “rostos” como os privilegiados nessa construção, criando um padrão e excluindo as diferenças que não se enquadrariam nesse formato imaginado. Os povos do litoral são tidos como normativos e os do interior, excluídos, construindo-se assim uma hegemonia de poder.

Mesmo com toda essa problemática, o autor acima afirma que esta angolanidade mantém-se presente no imaginário e nas produções culturais e artísticas em Angola, uma vez que se encontra marcada no próprio nacionalismo administrativo e econômico no país (o MPLA ainda está vigente na administração política). Os meios de produção culturais e artísticos, bem como econômicos e sociais ainda enxergam nesse modelo identitário uma possibilidade de ascensão e fortalecimento da nação.

A angolanidade rizomática ou angolanidade baseia sua filosofia no “resgate” dos valores tradicionais e ancestrais como patrimônio dessa identidade em construção. Ela nasce dentro da UPA/FNLA, mas também se conserva na UNITA. Aqui o modelo padronizante seria o angolano/kôngo, aquele possuidor/integrante de uma linhagem, dono de terras, subjugando outros grupos étnicos, oriundos de localidades diferentes daquelas consideradas modelares para tal construção.

[...] nascer em Angola não implicava, para as populações patrimoniais, a aquisição da nacionalidade/cidadania [local] angolana. Para ser angolano rizomático/UPA, era necessário observar dois factores: não ser descendentes das famílias escravizáveis ou escravizados; e ter uma linhagem, isto é, possuir terras dos ancestrais [...] (BATSÍKAMA, 2013, p. 61).

A angolanidade aposteriorística seria a fusão das culturais locais com a cultura global na defesa dos valores identitários. Esse ideal pretende entrar na era da democratização do mundo e propõe uma ruptura com as políticas monopartidárias. Teríamos nesse projeto alguns traços relacionados à influência da



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

globalização, motivados também pelas insatisfações com a política vigente no pós-independência, que luta por justiça social, rompendo com os favorecimentos da elite angolana, combatendo o *status quo* criado pelo nacionalismo estatal, sendo este chamado de “*angolanidade economicus*” (BATSÍKAMA, 2013, p. 66).

No romance *Mayombe* (1980) de Pepetela percebemos a representação dessa realidade na construção das personagens-guerrilheiros, que alegoricamente nos falam dos anseios e perspectivas de diferentes etnias com relação à libertação colonial e à identidade nacional a ser forjada. Certas questões são suscitadas na narrativa: Quem é o verdadeiro angolano? Qual grupo étnico é o legítimo para construir o movimento da angolanidade? Quem são os “verdadeiros” donos da terra?, interrogações estas que culminam em grandes conflitos e fortes inquietações.

Através da voz das personagens-guerrilheiros vamos conhecendo os anseios, sonhos, desejos, ideais do projeto nacional principalmente no que se refere à formação de uma identidade pensada para a conciliação entre a cultura tradicional, no “resgate” dos valores ancestrais, e a modernidade, sendo esta atravessada por subjetividades marcadas pelo processo colonial e a resistência que surge da vontade de libertação e de se reconstruir Angola.

A primeira personagem que nos é apresentada é **Teoria**, o professor mestiço. Suas falas vão nos mostrando a problemática racial nos discursos que forjam os ideais dos guerrilheiros. Ele cita, no âmbito da angolanidade, a questão étnico-racial, no sentido de se saber “quem são os verdadeiros angolanos” e qual seria o lugar do mestiço nessa formação identitária.

Nasci na Gabela, na terra do café. Da terra recebi a cor escura do café, vinda da mãe, misturada ao branco defunto do meu pai, comerciante português. Trago em mim o inconciliável e este é o meu motor. Num Universo de sim ou não, branco ou negro, eu represento o talvez. Talvez é não para quem quer ouvir sim e significa sim para quem espera ouvir não. A culpa será minha se os homens exigem a pureza e recusam as combinações? Sou eu que devo tornar-me em sim ou não? Ou são os homens que devem aceitar o talvez? [...] (PEPETELA, 2013, p. 14).



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILDIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

Para *Teoria*, o problema da identidade nacional está no maniqueísmo das relações, denunciando o problema em se procurar na pureza, na tradição primitiva, a verdadeira expressão do homem angolano. É preciso superar a problemática racial para se chegar ao pleno entendimento de quem é essa jovem nação, fazendo um apelo para o encontro harmônico com a pluralidade, a multiplicidade dos sujeitos.

Sem Medo, comandante do jovem grupo de guerrilheiros da floresta Mayombe, é o primeiro protagonista da narrativa (são muitos protagonismos na obra, exibindo o caráter autoral da perspectiva pepeteliana ao protagonizar vários sujeitos) declaradamente favorável ao projeto nacionalista do partido do MPLA, que busca construir uma identidade nacional angolana homogênea, em que todos aqueles que tivessem um sentimento de pertencimento ao solo angolano seriam de fato angolanos. Suas falas, inquietações, anseios produzem a utopia de se pensar um solo livre, a adesão aos ideais socialistas de “homem novo” apesar de muitas vezes haver um certo tom melancólico em seu discurso.

[...] Enfim, sei que o homem atual é egoísta. Por isso, é necessário mostrar-lhe sempre que o pouco conquistado não chega e que se deve prosseguir. Isso impedir-me-á de continuar? Por quê? Se eu sei isso, a frio, e mesmo assim me decido a lutar, se pretendo ajudar esses pequenos egoístas contra os grandes egoístas que tudo açambarcaram, então eu não vejo por que haveria de desistir quando outros continuam. Só pararei, e aí racionalmente, quando vir que a minha ação é inútil, que é gratuita, isto é, se a Revolução for desviada dos seus objetivos fundamentais (PEPETELA, 2013, p. 77)

A fala de **Sem Medo**, como seu nome, é firme e apaixonada. Muitas vezes, o guerrilheiro condena a perspectiva da diferença étnica que emerge no grupo, para ele algo menos relevante do que o enfrentamento do inimigo maior, o colonialismo, o capitalismo, o sistema que exclui e segrega de modo que, para fortalecer a nação contra o imperialismo, é preciso desconstruir o pensamento tribalista.



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

[...] É por isso que eu faço confiança nos angolanos. São uns confucionistas, mas todos esquecem as makas e os rancores para salvar um companheiro em perigo. É esse o mérito do Movimento, ter conseguido o milagre de começar a transformar os homens. Mais uma geração e o angolano ser um homem novo. O que é preciso é ação (PEPETELA, 2013, p. 203).

No trecho acima, é nítido o posicionamento do comandante quanto à importância em se propor um projeto unificador da identidade nacional. Supõe-se a crença no fim do tribalismo, pois o sentimento de angolanidade já existiria na subjetividade do “sujeito angolano”. Tal é a mesma convicção que preconiza o MPLA e que está representada no romance *Mayombe*.

O tribalismo aparece no romance por meio das tramas que apartam e aproximam os guerrilheiros, também na descrição da maneira como se comportam, suas expectativas, desejos e críticas. Forja-se aí uma necessidade de pensar quais angolanos, de que grupos étnicos, serão escolhidos para assumir o poder quando do fim da guerra de libertação. Essas questões são o tempo todo discutidas na narrativa e as personagens mais fortemente marcadas por essa perspectiva são as do interior de Angola (bacongos, quicongos, quissanges, ambundos etc). Por exemplo, *Milagre*, de origem kimbunda, que, em muitos momentos, faz uma veemente crítica ao intelectualismo do tipo marxista presente na guerra e que, de certa forma, promove exclusões:

Os intelectuais têm a mania de que somos nós, os camponeses, os tribalistas. Mas eles também o são. O problema é que há tribalismo e tribalismo. Há o tribalismo justo, porque se defende a tribo que merece. E há o tribalismo injusto, quando se quer impor a tribo que não merece ter direitos [...] Eu sofri o colonialismo na carne. O meu pai foi morto pelos tugas. Como posso suportar ver pessoas que não sofreram agora mandarem em nós, até parece que sabem do que precisamos? É contra esta injustiça que temos de lutar: que sejam os verdadeiros filhos do povo, os genuínos, a tomar as coisas em mãos (PEPETELA, 2013, p. 47).

A personagem *Muatiânvua* também se posiciona no sentido de buscar a angolanidade a partir dos elementos que aproximam todos angolanos em torno



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

dos ideais de libertação, justiça e melhores condições de vida. Ele é marinheiro, desterritorializado, “pertencente ao mundo” e traz em seu discurso a valorização da identidade híbrida, plural.

Eu, Muatiânvua, de nome de rei, eu que escolhi a minha rota no meio dos caminhos do Mundo, eu, ladrão, marinheiro, contrabandista, guerrilheiro, sempre à margem de tudo (mas não é a praia uma margem?), eu não preciso de me apoiar numa tribo para sentir a minha força. A minha força vem da terra que chupou a força de outros homens, a minha força vem do esforço de puxar cabos e dar à manivela e de dar murros na mesa duma taberna situada algures no Mundo, à margem da rota dos grandes transatlânticos que passam, indiferentes, sem nada compreenderem do que é o brilho-diamante da areia duma praia (PEPETELA, 2013, p. 121).

Tanto nos estudos sócio-culturais, quanto na narrativa em questão, percebemos o tribalismo como um “jogo de identidades”, que se faz na contradição de ideias, marcado pelo deslocamento de múltiplas identidades, em que o combate se dá no plano do reconhecimento e das subjetividades contra os valores hegemônicos a fim de desconstruir a perspectiva da formação de uma identidade mestra, única, fixa, politicamente padronizante (HALL, 2011, p. 21).

Se o conceito de etnia fala de características culturais que diferem os grupos através da língua, religião, costumes, tradições, sentimento de pertencimento, torna-se impossível pensar na unificação de diferentes povos acontecendo de forma harmônica e equilibrada.

[...] A etnia tem se tornado uma das muitas categorias, símbolos ou totens, em torno dos quais comunidades flexíveis e livres de sanção são formadas e em relação às quais identidades individuais são construídas e afirmadas. Existe agora, portanto, um número muito menor daquelas forças centrífugas que uma vez enfraqueceram a integridade étnica. Há, em vez disso, uma poderosa demanda por uma distintividade étnica pronunciada (embora simbólica) e não por uma distintividade étnica institucionalizada (BAUMANN, 1990 apud HALL, 2011, p. 96).



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILDIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

Temos uma tendência a acreditar que o tribalismo, ressignificado como expressão cultural e identitária fragmentada e multifacetada, modelo das relações e subjetividades construídas na modernidade, vem para combater os padrões hegemônicos modelares de formação do sujeito e da ideia de nação (que ainda tem na ideologia eurocentrada sua normatividade). A busca pelo poder e pela ascensão política e econômica sempre foi um objetivo comum às sociedades em expansão e ligado inevitavelmente ao construto de Estado-Nação. Assim, também os chamados grupos sociais minoritários ao se constituírem como Estado Nacional vêm, a partir de suas próprias expectativas e expressões, angariar direitos e posições de destaque na cena do mundo, em que pese a larga defasagem com as “nações-império”.

O romance *Mayombe* é representativo da delicada e tensa construção do ideal de nação e de como esse processo explicita os atravessamentos coloniais e decoloniais. A autoria “nacional” está na busca, nas subjetividades criadas nesse *entre-lugar*, na cultura da fronteira, do que os uniria. Até certo ponto, o “inimigo externo”, o colonizador, que, contudo, não basta, para findar as tensões internas ao projeto da angolanidade. Os guerrilheiros trazem esse universo de anseios e sonhos, compondo o desejo de mudança, de resistência, sendo estes elementos fundamentais para manter vivas as identidades não padronizadas, que agregam a diferença e a pluralidade.

Referências

ALMEIDA, Julia; MIGLIEVICH-RIBEIRO, Adelia Maria; GOMES, Heloísa (Org.).

Crítica Pós-Colonial. Panorama de leituras contemporâneas. Rio de Janeiro: Faperj/7Letras, 2013.

BATSÍKAMA, Patrício. “Leitura antropológica sobre Angolanidade”. In: **Sankofa. Revista de História da África e Estudos da Diáspora Africana.** Ano VI, n.o XI, agosto de 2013, p. 51-70.



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGÜÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11ª ed., 1ª reimp., Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

MIGLIEVICH-RIBEIRO, Adelia M. "A virada conceitual pós-colonial: panorama, especificidades e possíveis contribuições às teorias sociais". **38º ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS**, GT 40, Teoria social no limite: novas frentes/fronteiras na teoria social contemporânea. Caxambu, outubro de 2014, p. 1-27, link: *paper*. <http://www.anpocs.org/index.php/papers-38-encontro/gt-1/gt40-1>. Acesso em 30 de novembro de 2016.

PEPETELA. **Mayombe**. São Paulo: Leya, 2013.